

ALFAIATARIAS DE MEMÓRIAS: O (ANTI)COMUNISMO EM PERNAMBUCO (1958 – 1964)¹

Erinaldo Cavalcanti

Prof. Doutorando em História pela UFPE
ericontadordehistorias@gmail.com

*“A história das coisas feitas só sobrevive se for narrada,
se o que é dito, for bem dito”. (Hannah Arendt. A vida do Espírito)*

Relatos de um artesão.

Durante a realização do mestrado, entrevistei algumas pessoas que tinham participado, em posições diferentes, das práticas que concorreram para a fabricação da ameaça acerca do comunismo na cidade de Garanhuns – PE entre 1958 a 1964 (Cavalcanti, 2009). Nesta fenda conheci um artesão/alfaiate. Em seus relatos, ele mobiliza uma diversidade temporal e espacial operando deslocamentos, que nas primeiras leituras, não conseguia compreender muito bem. Homem simples e analfabeto, como ele assim, se denomina, tece em seu discurso uma constelação de experiências que o levou a espaços distantes, longínquos, amargos, prazerosos e dolorosos. Essas práticas de espaço – para chamarmos Michel de Certeau à discussão – o constituíram como “liderança sindical”, “vereador comunista de Garanhuns”, como “comunista safado de Garanhuns”, entre outras nomeações que o instituem de inúmeras maneiras. Mas deixemos que ele se apresente.

Eu nasci numa propriedade chamada Aranha, no município de Capela, Estado das Alagoas. Meus pais eram analfabetos e eu sou analfabeto de pai e mãe. Isso eu não tenho nenhum acanhamento de frisar, porque somos milhões de brasileiros que assim nasceram, viveram e os que vivem, assim são. Dizia meus pais que eu nasci no mês de agosto. Deveria ser – eles não sabiam – no dia seis ou onze de agosto, mas não tinham a certeza de qual ano. Assim eu cresci. No ano de 1945 – meu pai já falecido – fui morar na usina Uruba no município de Ataláia. Trabalhava no campo limpando cana, cambitando, semeando adubo nos canaviais. Morando com minha irmã e minha mãe, juntei alguns tostões e resolvi tirar meu registro; me registrar. Mas eu queria me registrar como sendo de maior porque eu gostaria de trabalhar, arranjar um emprego. Podia ser servente de pedreiro ou qualquer outra coisa e possivelmente em Rio Largo, talvez na fábrica de cachoeira, que era de propriedade, na época do encomendador Gustavo Paiva, este faleceu em 1945. Quando fui ao cartório, meus pais não tinham o ano certo que eu nasci. Minha mãe não podia informar. Só sabia

¹ Este artigo faz parte das pesquisas que desenvolvo atualmente no doutoramento e tem o apoio da FACEPE.

que eu tinha nascido no mês de agosto. A Igreja onde eu teria sido batizado foi na matriz da cidade de Capela. Meu nascimento foi forçado pela crença. Sou o filho caçula, dos sete filhos que meus pais tiveram. Minha mãe no campo, ignorando as principais coisas da vida, quando estava grávida de mim, estava inchando os pés e as pernas, por isso fez uma promessa com Nossa Senhora da Conceição e com Santo Amaro. Santo Amaro tem uma igreja lá no alto do município de Capela, bem pertinho da cidade. Vim tomar conhecimento da igreja de uns quatro ou cinco anos para cá. Então minha mãe fez promessa com Nossa Senhora da Conceição prometendo-lhe que se o bebê fosse homem o nome seria Amaro. Isso ela já se prendendo a fé a Santo Amaro. A minha madrinha que era santa poderosa, como hoje todo mundo assim acredita, era Nossa Senhora da Conceição. Por sinal esta santa é a padroeira da cidade de Capela. Hoje sou Amaro, aos 76 anos e agradecendo aos meus pais; a minha mãe por eu estar aqui contando essa história (Costa, 2005).

Para apresentar-se, aquele alfaiate – que não costurava apenas tecidos, mas também, memórias – mobiliza diversos elementos para se constituir como deseja. Inicia seus relatos denunciando um problema social sério no Brasil, que se arrasta há décadas. O analfabetismo. Assim ele se considera. Orgulha-se de ter desenvolvido alguns instrumentos que o possibilita transitar pelo universo da escrita decifrando alguns de seus códigos, sem ter freqüentado uma escola. Se tivéssemos que reduzi-lo a um conceito, diríamos que ele é autodidata. Aquele alfaiate/artesão monta um campo narrativo dinâmico e denunciador das experiências por ele vivenciadas. “Comecei a trabalhar desde muito cedo, desde uns quatro ou cinco anos de idade ajudando em casa, lavando prato, varrendo o terreiro, amarrando cabras, cavalos e cortando capim para dar a eles. Essa é minha infância. Nunca me sentei, se quer numa banca de um grupo escolar. A minha caneta e o meu lápis, primeiro foi a enxada e o cabo de vassoura” (Ibidem).

Com as linhas de sua alfaiataria, aquele narrador, ao costurar suas memórias, amarra alguns pontos em seu tecido narrativo. Vai até o espaço onde nasceu, na propriedade Aranha, no município de Capela – AL. Anos depois ele decide registra-se. Ao mesmo tempo em que denuncia a ausência do Estado em garantir direitos básicos, percebe que sem o registro, o exercício mínimo da cidadania ficava impraticável. Ainda nesse ponto, costura outras discussões. Aponta para o trabalho infantil, prática ilegal, segundo os ditames das leis, e ao mesmo tempo direciona seus relatos para trazer à costura a necessidade que tinha em se fazer *ser de maior*. Ou seja, precisava fazer-se uma pessoa que já tinha alcançado a maioridade, porque desejava arrumar um emprego. O trabalho que desempenhava no campo, não lhes

proporcionava recompensas nem lhe rendia *estatus de emprego*. Discutir aqui os múltiplos significados de “emprego e trabalho” extrapola os objetivos e o espaço deste artigo. Basta apenas, costurar à discussão, que o “emprego/trabalho” só poderiam chegar, naquelas relações tecidas pelo alfaiate, quando ele alcançasse a maioridade.

Dessa forma, aos 76 anos, ele se apresentou, agradecido aos pais – a mãe, em particular – e feliz por estar contando essa história.

Os fragmentos de memórias de Amaro Costa trazem à narrativa os diversos espaços onde morou, quando criança. Esses relatos são indícios de uma prática de deslocamento constante de trabalhadores entre os engenhos, sempre em busca daquele que lhes proporcionassem melhores condições de vida, ou situações menos degradantes. Suas agulhas vão costurando pedaços de lembranças, unindo relatos e formando uma colcha de retalhos urdida pela memória, demonstrando a existência de um fluxo migratório de pessoas entre diversos engenhos que existiam no Estado de Alagoas.

Da área clarificada do campo narrativo de Amaro Costa emerge um universo múltiplo, faiscante, arriscado, polifônico com fios que contem outros mundos em cada dobra. Fios que se enlaçam, se esgarçam e se entrelaçam pelos inúmeros tecidos sociais experienciados por aquele alfaiate. Em Garanhuns, esteve diretamente ligado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade e ao Partido Comunista, integrando a equipe que compunha o Comitê de Zona do PCB, ocupando a posição de secretário de propaganda (Costa, 2005).

Entre as dobras que se desdobram nos relatos de Amaro Costa, algumas representaram momentos em que sua vida esteve a um passo da despedida. Este foi um dos momentos em que os relatos foram atravessados por um suspiro. Como se voltasse de uma síncope, retoma a narrativa num ritmo mais lento, mais vagorosamente. O fôlego parecia estar em descompasso com o corpo; parecia estar em outro ritmo, em outro tempo; parecia visitar o passado naquele exato momento que o narrava. Mas os tempos são múltiplos e naquela experiência estavam costurados pelos fios de suas narrativas possibilitando-o atravessar as múltiplas fronteiras temporais.

A “invasão comunista” em Brejão

Brejão é uma das múltiplas dobras que se esticam em relatos nas narrativas daquele alfaiate. À época, Brejão era um dos distritos que compunham o município de Garanhuns (Cavalcanti, 2009). Ficara conhecido pela sua excelente produção de café, principal atividade econômica do distrito. Mas não foi apenas o gosto do café que imprimiu sabor às lembranças de muitos cidadãos que viviam em Brejão. Os conflitos envolvendo fazendeiros e trabalhadores deixaram cicatrizes, cujas marcas congregam uma espécie de bálsamo, às vezes, amargo, para alguns. No início de 1964 o fazendeiro Manuel Barbosa expulsara de sua fazenda um agricultor que lá morava há mais de quinze anos. Este agricultor procurou Amaro Costa solicitando a intervenção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Garanhuns diante daquele dilema. No dia primeiro de março de 1964, as tensões se agudizaram no distrito de Brejão. Vejamos algumas marcas que ficaram grafadas nas memórias de nosso personagem em tela.

Um dia eu estava em minha casa [em Garanhuns] seis horas da manhã quando bateram na porta. Era um carro da secretaria do governo com três funcionários – inclusive Manuel Messias, que era um dos secretários do governo – para a gente ir a Brejão. Estava chovendo. Na frente da porta de casa tinha lodo e lama um menino pequenininho caiu e fez um calo na testa de rachar. Daí chegou a senhora dizendo que eu tinha que ir, porque ela estava com medo que acontecesse alguma coisa com o marido. Um amigo meu disse: “olhe cuidado se eu fosse você eu não ia”. Mas eu não podia deixar de ir. Eu confiava no prefeito, e na amizade que eu tinha por lá, inclusive com Manuel Paz, que era um fazendeiro muito simpático. Mas quando eu cheguei lá, era dia de feira e estava cercado de pedras de paralelepípedo. Eu inocentemente ainda parei lá na frente, o carro ainda encostou numa barraca e o dono da barraca ainda ficou mal criado. Depois ainda foram me acusar dizendo que eu estava quebrando as barracas. Parei ali na frente que era para ir para a delegacia. A delegacia estava fechada o delegado não estava na delegacia, daí fomos para o sindicato. Depois entrou o pai dos garotos, o agricultor que tinham ido lá em casa. Quando foi entrando Joca Cabral [pai do ex-prefeito de Brejão] disse: “o que você está fazendo aqui?”. Agarrou-se com ele metendo-lhe o cacête e o prefeito e outros caras me agarraram, que eram meus amigos, e os caras meteram o cacête na minha cabeça, inclusive me bateram com um revólver. Pintaram o sete comigo, me pegaram pelos fundos... mas, eu tinha um amigo lá, morreu o ano passado. Morava perto do cemitério, chamava-se Sebastião Galdino, tinha um sitiozinho lá em Brejão e era compadre do prefeito, na época. O prefeito estava agarrado comigo, e eu vi quando Sebastião – que inclusive era do partido comigo – disse: “compadre solte o homem”. Quando ele disse “compadre solte o homem”, eu ouvi um tiro, estava sangrando muito, mas ouvi o tiro. Aí eles me soltaram. Alguém me empurrou. Saíram me empurrando, me empurrando, quando vou saindo para pegar a estrada para Garanhuns, vinha chegando delegado. Quando me viu disse: “seu Amaro o que foi isso?” Aí eu disse: “nada não! Isso é a política que vocês defendem” (Costa, 2005).

A riqueza dos detalhes com os quais Amaro Costa se desloca no tempo e relembra suas experiências, é encantadora. Não foi apenas para atender ao pedido de uma esposa, que temia pela vida do seu marido, que Amaro Costa foi até Brejão. Seu envolvimento na luta pelos direitos dos trabalhadores rurais ultrapassava a esfera do favor, que poderia apresentar-se aquela sua ação. Algumas semanas antes, ele havia presenciado os animais do fazendeiro Manuel Barbosa – o mesmo que expulsara da fazenda o trabalhador que havia pedido ajuda ao alfaiate – pastarem dentro da plantação de subsistência do trabalhador. Tal prática, ao que parece, se constituía mais uma regra, que uma exceção, e demonstra indícios de algumas estratégias desenvolvidas por fazendeiros quando desejavam expulsar seus trabalhadores, quando estes tinham algum plantio nas terras daqueles.

Nesse campo tenso, labiríntico e cambaleante, Amaro Costa chega a Brejão. Ele fora recebido por pedras de paralelepípedos colocadas na via de acesso à cidade no intuito de reter sua entrada. Não sabendo ou desafiando a situação, desceu do jipe, retirou algumas pedras. Com o terreno escorregadio, o jipe, bateu em umas das barracas da feira. Esta ação foi vista por alguns como um insulto no qual o alfaiate estava, na verdade, tentando derrubar as barracas da feira. Naquela experiência temporal – e espacial – o clima tenso e a insegurança, em algumas situações transpiravam pelos poros. É nesse movimento que ganha inteligibilidade as representações/apropriações – para trazer Roger Chartier (1991; 2007) às discussões – atribuídas aqueles acontecimentos. Quais os motivos de inviabilizar a entrada de Amaro Costa à cidade? O que ele representava naquelas configurações sociais? Arrisco dizer que aquelas práticas podem ser consideradas como indícios de medo que o comunismo, representado pela presença de Amaro Costa, imprima naquelas circunstâncias.

A vida de Amaro Costa esteve pendurada por um fio fino que parecia romper-se a cada instante por não agüentar o peso da situação. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brejão emerge nas memórias de Amaro como um caldeirão fervilhante, pulsando e soltando vapor. As relações de poder ali praticadas naquelas circunstâncias estavam sensíveis ao ponto de modificar-se ao menor movimento; estavam sujeitas a alterações com a menor mudança na posição ocupada pelos sujeitos ali presentes. Uma palavra era suficiente para desencadear os conflitos. Um gesto era suficiente para a agressão física entrar em cena. No entanto, esta chegou quando o agricultor, que havia recorrido ao sindicato de Garanhuns, entrou naquele recinto. As agressões físicas pelas quais passou Amaro Costa demonstraram o clima político

tenso e perigoso que estava sendo praticado naquele recinto. Clima esse, que extrapolava as paredes daquele sindicato².

Aquela situação ganhou outra configuração com a entrada de outro personagem. Sebastião Galdino, amigo de Amaro Costa, dono de uma pequena propriedade em Brejão e amigo do prefeito, que estava espancando o alfaiate. Ao ver a cena, pediu ao prefeito que soltasse Amaro Costa, que já estava sangrando, e quase sem forças para resistir. Ao que parece o pedido foi atendido. Sangrando e espancado, o alfaiate foi solto. Na saída, antes de pegar a estrada de volta a Garanhuns, Amaro Costa encontrou o delegado, responsável pelo distrito. Ao ser por aquela autoridade questionado o que significava aquela cena, respondeu-lhe, que “aquilo” era a política por eles defendida. Não saberemos ao certo se aquelas foram as palavras com as quais Amaro Costa retrucou o delegado. Isso importa pouco. Interessa ressaltar a avaliação política do alfaiate frente aquela situação. A postura política do delegado frente à situação vivenciada no distrito, assim como a do prefeito, fora contestada e repudiada pelo alfaiate mesmo nas difíceis circunstâncias em que ele se encontrava. Tal postura colocava em xeque, diante do delegado, uma prática discursiva recorrente naquelas experiências temporais que colocavam os comunistas – sem nenhuma distinção entre eles – como pessoas violentas e perturbadores da ordem pública. Era uma estratégia sutil de enfrentar e afrontar a autoridade indagando-lhe quem, de fato, desrespeita as leis. Se nenhuma posição ocupada nas configurações sociais são imóveis, aquela que Sebastião Galdino ocupava, representava muito bem essa complexidade. Ao que parece, ele pertencia ao Partido Comunista, era amigo de Amaro Costa, mas nas singularidades daquelas experiências ocupavam outras posições de poder. Era amigo do prefeito. Posição suficiente para salvar seu outro amigo, mesmo que comunista.

O caminho para casa ainda estava longe de chegar ao fim. Muitos passos ainda restavam. Passos não menos desafiadores do que aqueles experienciados dentro do sindicato. Vejamos que pegadas deixaram esses passos nas memórias de Amaro Costa.

² Para ampliar as discussões acerca das lutas políticas e sociais em Pernambuco no período em tela ver: Montenegro, Antonio Torres. *Labirintos do Medo: o comunismo; Ligas Camponesas e Sindicatos Rurais em Tempo de Revolução*; In: História, Metodologia, Memória. São Paulo: Contexto, 2010. Porfírio Pablo. *Medo, Comunismo e Revolução*. Recife: Editora da UFPE, 2009; Cavalcanti, Erinaldo Vicente, *Narrativas do Medo: História e Memórias das ameaças comunistas (1960 – 1964)*. In: Anais eletrônicos do X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. Recife, 26 a 30 de abril de 2010.

Eu saí. Saímos, eu e Sebastião em direção a Garanhuns. Em seguida escutamos um grito. Uma camionete da Ford cheia de capangas com rifles, revolver, espingardas e só ouvíamos “olha ele!”, “pega ele!”. Eu vinha muito esgotado. Falei: “Sebastião saia de perto de mim, que é para eles não pegar você”. E eu tentei fugir por dentro dos cafezais, perto do cemitério, mas aí eles pularam em cima. Foi um tiroteio danado. Eu sentir... parecia um tiro, eu sentir assim aquele peso e perdi os sentidos. Na hora me lembrei: “vou morrer e minha mãe não vai me ver”. Cair enganchado num pé de café. Quando eu abrir o olho, tinha um com um rifle apontando para mim, dizendo “levanta comunista safado” e o outro com um revolver. O que estava com o rifle era motorista de trator. Depois morreu que o trator virou por cima. O que estava com o revolver era sobrinho do meu ex-patrão, Pajuaba. Olhei para ele. Disseram: “sai daí. O pessoal está furioso, querem pegar ele aí”. Eu disse: “você tem família? Eu tenho família. Tenho filho e essa gente pode fazer besteira, e você pode me garantir”. Ele falou: “não, você estar garantido”. Cheio de vaidade. “Pode ir, pode ir, você comigo estar garantido”. Sair desconfiado, devagarinho. Chegou no meio da estrada, chegou o outro irmão dele e o pai e falou: “Amaro, e é você?” – ele que é professor e é um cara que eu gosto muito dele lá em Garanhuns – “mas rapaz, que coisa!”. Em seguida me colocaram no jipe para levar para Garanhuns. Eu pensei: “vão me matar é aqui”. Eu não queria ir sozinho, eu disse: “tem esse senhor que estar com a filha doente lá, estava indo para Garanhuns comigo e agora como é que ele vai?”. Ele falou: “sem problema, ele vai aqui também”. Sebastião me disse depois, que só acreditou que nós chegamos vivos, quando saímos de Brejão. Essa é a historia com Brejão. Quando foi com trinta dias chegou o golpe militar. Isso foi no dia primeiro de março de 1964. Do dia 31 de março para o primeiro de abril do mesmo ano, chegou o golpe militar, (Costa, 2005).

Sebastião Galdino, o amigo que o salvara no sindicato teria acompanhado-o em direção ao caminho de volta a Garanhuns. Ao perceber que alguns capangas – para usar de empréstimo as palavras de Amaro Costa – os seguiam, o alfaiate compreendia que fora da configuração onde se encontravam dentro do sindicato, com aqueles sujeitos, a presença do amigo agora não era suficiente para lhe salvar naquele momento. O espaço era outro, as relações eram outras, por isso teria solicitado ao amigo que o deixasse para evitar que fosse pego pelos capangas que os seguiam numa caminhonete da Ford.

A tentativa de fuga não foi bem sucedida e Amaro Costa foi alcançado por um grupo de homens que podiam estar a serviço de alguns fazendeiros (Cavalcanti, 2009). No entanto, entre aqueles que o capturaram, estavam homens que já o conheciam de outras experiências; encontravam-se pessoas para quem o alfaiate já havia trabalhado. Esses relatos de memória do alfaiate encontram-se ancorados também em outros fios de lembranças de muitas pessoas em Brejão. Há um conjunto memórias naquela cidade, que poderíamos chamá-lo de memórias coletivas – para lembrar Maurice Halbwachs (2004) – no que tange às experiências narradas

por Amaro Costa. Nas diversas visitas que realizei antes e durante as entrevistas, muitos senhores de Brejão representaram – e representam – aqueles acontecimentos como “a invasão comunista em Brejão” ou “a revolução de 1964” que para muitos deles começou em Brejão no dia primeiro de março daquele ano.

Amaro Costa chegou a Garanhuns bastante ferido. E antes de cicatrizar aqueles ferimentos, na pele, pois em suas memórias continuam vivos, teve que sair de Garanhuns, pois a polícia começou a executar uma série de prisões das pessoas consideradas perigosas por defender as ideias comunistas. O alfaiate fugiu para a casa de um tio que morava no município de São José da Lage – AL. Mas não foi suficiente para escapar da vigilância policial. No dia vinte e nove de julho de 1964 Amaro Costa foi preso acusado de atividade subversiva, conforme o prontuário 13.714 (Cavalcanti, 2009), da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco. De acordo com a Lei de Segurança Nacional, ele representava uma ameaça à sociedade e como tal deveria ser penalizado.

Não apenas as roupas, mas os próprios alimentos, como destaca Certeau, modelam igualmente os corpos de uma dada sociedade, mediante a nutrição. Da mesma forma que as vestimentas e a alimentação modelam os corpos, a prática da leitura também o faz. O ato de ler condiciona, mobiliza, agita, movimenta, transforma, modela, fabrica corpos. Uma pessoa pode adquirir determinados hábitos e posturas dependendo da literatura que ela experimenta. As práticas de censuras, ao longo das experiências sociais, demonstraram essa preocupação.

Ter acesso a certas leituras era perigoso. Ter determinados livros em casa poderia ser configurado como um crime. Alguns livros que Amaro Costa tinha em sua estante – entre eles alguns de autoria de Jorge Amado – foram considerados literatura perigosa e serviu de prova para incriminá-lo quando preso e acusado de desenvolver atividades subversivas. A leitura de determinados livros foi proibida porque era perigosa e subversiva. Assim os livros vendidos livremente ou não, nas bancas de jornais, nas livrarias e nos sebos, modelam igualmente os corpos pela prática da leitura.

A preocupação da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco em fazer um rastreamento das atividades que os comunistas desenvolviam, entre estas, o que estavam lendo, demonstra uma preocupação com o poder da leitura, como uma prática perigosa,

quando o conteúdo lido, era considerado subversivo. Não seria inverossímil, pensarmos que estas práticas revelam indícios que concorreram para fabricar o medo acerca do comunismo.

As pesquisas abertas pelo historiador francês, ao tematizar o medo, ventilam possibilidades de diálogos interessantes. Ao percorrer algumas fendas abertas por Jean Delumeau (2007; 2009), este sugere que o mais indicado seria pensarmos em medos – no plural – ao invés de o singularizarmos. Os medos mudam conforme os tempos e os espaços onde são experimentados, em virtude das práticas de insegurança e ameaças que pesam sobre as pessoas imprimindo-lhes significados diversos e difusos e que concorrem para a fabricação do medo. No período em tela a ameaça que gravitava em torno das relações sociais, era a ameaça comunista. Portanto, ao analisarmos as especificidades das ameaças comunistas em Pernambuco de 1958 a 1964 estaremos também analisando as múltiplas facetas que o medo adquiriu no tempo e o espaço onde foi gestado.

O clima de insegurança construído nas relações sociais em Pernambuco, no período em tela, concorria para a fabricação dos diversos medos acerca do comunismo. Esta criação era alimentada, também, à medida que as pessoas eram estimuladas a unirem-se contra o comunismo. Delatar o infrator, aquele que era considerado uma ameaça, tornou-se prática comum dos órgãos de segurança do estado. Nesse movimento o medo também cria relações de pertencimentos na medida em que institui um inimigo comum; um mal onde todos os membros do grupo, da comunidade, da religião, da pátria deve combater. Assim, lutar contra o mesmo mal é fazer parte de uma sociedade que almeja os mesmos ideais; que deseja as mesmas coisas ou tem projetos semelhantes. O medo, nesta perspectiva, torna-se um elemento catalisador. Ele agrega pessoas, cria valores em torno de um mesmo ideal. As pessoas passam a se unirem através do medo. Nesse movimento, os caminhos fluidos e movediços das memórias, se abrem como possibilidades de percorrermos certos ambientes que foram pintados pelos diversos significados que os medos sobre o comunismo adquiriu e imprimiu.

Bibliografia.

BEZERRA, Gregório. *Memórias*. 2ª Parte, 1946 – 1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

- _____, *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CALLADO, Antonio. *Tempos de Arraes: A Revolução Sem Violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê editorial; FAPESP, 2002.
- CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *Construções do medo: a ameaça comunista em Garanhuns – PE (1958 – 1964)*. Recife, UFPE – Dissertação de Mestrado em História, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, pág. 231.
- _____, *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 2007.
- _____, *O mundo como representação*. Estudos avançados, USP, 5(11) Jan/abril, 1991.
- COSTA, Amaro. Entrevista realizada em abril de 2005.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300 – 1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____, *Medos de ontem e hoje*. In Novais, Adauto (org.) *Ensaio sobre o Medo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo e edições Sesc SP, 2007.
- FERREIRA, Jorge. *Entre a história e a memória: João Goulart*. In Ferreira, Jorge e Aarão, Daniel. *Nacionalismo e reformismo radical (1945 – 1964) - As esquerdas no Brasil* (organizadores). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Historiografia, Diversidade e História Oral: Questões Metodológicas*. In LAVERDI, R. et. al. *História, Diversidade, Desigualdade*. Santa Catarina: UFSC; Recife: UFPE, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006, pág. 14.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTYSSUMA, Marcos. Um encontro com as fontes orais. In: estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, nº 1. Porto Alegre, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *João Goulart e a mobilização anticomunista de 1961-64*. In Ferreira, Marieta de Moraes. *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____, *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva – FAPESP 2002.

PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. *Pernambuco em perigo: Pobreza, revolução e comunismo (1959 – 1964)*. Dissertação de Mestrado em História, UFPE. Recife, 2008.

RICOUER, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.